

A GAVETA VAZIA

Aquela gaveta de mogno escuro era tão vazia que chegava a ser chata. Eu não tinha nada para guardar nela. Ao abri-la, chegava a me dar repulsa o som da madeira roçando a madeira.

Foi inevitável, naquela altura da infância, meu irmão cagueta perceber uma quantidade exagerada das embalagens, ainda cheirosas, de *bubbaloo* jogadas no seu interior.

E não demorou muito para minha mãe entrar no quarto.

Tinha de ser ela, claro. Meu pai não se metia nessas coisas. Esses dias mesmo fiquei sabendo que nunca me trocou uma fraude.

Muita conversa. Algumas falas eu nem compreendi, já que a vergonha me ocupava.

Explicar para o dono da vendinha que queria pagar algo que não tinha comprado era bastante inexplicável para aquele serzinho.

Foi uma tarefa árdua. O sentimento de culpa dominava meus pensamentos, até que o alívio se fez.

Hoje, quando olho aquela mesma gaveta, em outro quarto, percebo que ela ainda continua vazia, mas transborda de ensinamentos.